

## DANÇAS POPULARES DO BAIXO-ALENTEJO- M. Dias Nunes

( in *A Tradição*, Ano I, nºI, pp. 20- 23, Serpa, 1899 )

As danças populares do Baixo-Alemtejo pertencem, em parte, á categoria das religiosas, em parte, na maior parte, na quasi totalidade mesmo, ás denominadas danças d'amor.

O primeiro genero de danças, embora em manifesta decadencia, ainda póde observar-se em diversas festas religiosas de arraial, onde valentes mocetões de rosto crestado, largas espaduas e amplo thorax, súam e tressúam, n'uma espantosa desenvoltura de gestos e attitudes, ao langoroso som de tamboril e gaita.

Em Aldeia Nova de S. Bento, do concelho de Serpa, celebra-se annualmente, em 11 de Julho, uma ruidosa festa, a do Cirio, cujo principal attractivo consiste na exhibição de extraordinaria dança, em que ha complicados movimentos e passos e volteios; uma dança antiquissima, secular, executada por sete anjos (assim chamados) – sete robustos camponezes, vestidos de calção e meia, camisola branca, faixa de seda a tiracollo, r na cabeça, mostruosos chapheus de pelli, ornados de lãs e fitas e flores e reluzentes bugigangas de latão!

E fazem a inveja dos camaradas, e o encanto das camponezas suas patriciais, estes maganões!

Ha poucos annos ainda e por occasião da festa de S. Pedro, também os numerosos pastores que pertencem a Serpa, realizavam uma dança devéras interessante, em deredor á ermida d'aquelle santo, e desde a ermida, atravessando as ruas da villa, até casa dos festeiros.

Aqui, os dançadores, todos irmãos do santo, vestiam o traje caracteristico do mister – calção e polainas, jaqueta, e larga cinta negra ou escarlete. Dançavam sempre em cabello – às vezes debaixo d'un sól ardentissimo – e com a opa branca da irmandade.

E mais e mais danças religiosas, nas festas d'arraial, por este Baixo-Alemtejo fóra: - na festa do Espírito Santo, em Aldeia Nova de S. Bento; nas festas das Pazes, em Fialho; na festa da Tumina, em Santo Aleixo; na festa de Santa Luzia, em Pias; etc., etc., etc.

E' de notar que este genero de dança, cuja origem remonta a muitos seculos, era outr'ora executado não só por homens, tal como hoje acontece. – mas também por mulheres, em algumas solemnidades de character religioso e official.

No codice de *Posturas de Notavel Villa de Serpa*, feito em 1686, e confirmado em *auto de correição*, no anno de 1687, pelo Ouvidor da cidade de Beja, Mathias Patto Cotta, vem um artigo, o 100º., com bastas allusões ao assumpto em questão. Por isso e por nos parecer sobremodo curioso o referido artigo, vamos transcrevel-o na integra, sublinhando as phrases que mais interessam ao

nosso estudo.

E'assim concebido (textualmente): “por antiquissimo costume são os hortallois obrigados a mandarem á procissão do Corpo de Deus de cada anno um carro muito bem goarnecido de verdura, e os sapateiros com o drago e diabrete e os alfaiates com a serpe e os mercadores com dois cavallos fuscos e os marsseiros e tindeiros com hua toura, e os vendeiros de fruta com duas pellas e *os taverneiros com hua dansa de seis pessoas bem vestidas com violla e tocador della e as padeiras com hua dansa de seis mossas bem vistidas com violla e tocador della* ao que não faltarão com estas obrigaçois sob pena de pagarem os juizes dos officios de sapateiros alfaiates e hortallois dois mil réis não vindo á dita procissão como que nesta postura lhe he encarregado, e com suas bandeiras e de pagarem os mercadores que são obrigados a dar os cavalinhos fuscos cada h~u mil réis não vindo ambos os ditos cavalinhos fuscos á procissão, e os marceiros, e tindeiros que são obrigados a dar a toura pagarão cada hu quinhentos réis faltando a esta obrigassão, *e os taverneiros que forem nomeados para darem a sua dansa e faltarem com ella pagarão de penna dois mil réis cada hu e as padeiras que forem nomeadas para darem outro sim a sua dansa pagaram de penna mil reis cada hua faltando á sua obrigação* e as vendeiras de frutá pagaram outro sim mil réis faltando á sua obrigação o que todos assim pagaram de cadea pela primeira vez que ouver falta porque na segunda pagaram as pennas em dôbro com trinta dias de cadea e os constrangerão pela camera a tudo terem muito bem preparado para acompanhamento da dita procissão e assim mandaram se comprisse.

Como é sabido, a dança religiosa, nas suas várias fórmãs, encontta-se intimamente ligada e certas festas populares e tradicionaes da igreja. Quando, pois, tratarmos de cada uma d'essas festas, que todas entram no programma dos nossos estudos, descreveremos, então, em seus pormenores, a dança respectiva.

Agora vamos occupar-nos mais detidamente de as – danças d'amor.

Sem querermos fallar da antiga gavota, das varsovianas, e do *jacé* de contradança, que tinham, por isso dizer uma feição aristocratica, mencionaremos desde já, como danças populares e amorosas, usadas no Baixo-Alemtejo, nomeadamente na margem esquerda do Guadiana, *os bailes de roda, o maquinéu, os pinhões, o seu pésinho, o fandango, os escalhavardos, o sarilho, e o fogo del fúzil*. Depois completaremos a lista.

Excepção feita para os bailes de roda, ainda em pleno vigor, as demais danças que citámos, quasi que deixaram de praticar-se e apenas subsistem na lembrança das pessoas edosas. D'algumas, conseguimos ainda, não sem grande difficuldade, recolher a musica propria, que todas possuíam, e reconstituir a fórmula do bailado; d'outras, porém, tão sómente o nome lográmos conhecer.

Os bailes de roda, como vulgarmente se designa este genero de dança, ou são *ao meio* ou

*aos pares.*

Quando *ao meio*, homens e mulheres, indistinctamente, formam dando-se as mãos uma grande cadeia circular. Acto continuo á formação d'esta cadeia, vae para o centro um par, o primeiro que mais lesto andou; e logo irrompe uma cantiga entoada por uma voz, a que outras e outras e todas as vozes dos circumstantes, por fim, fazem côro.

Ao mesmo tempo – obedecendo todos ao rhytmo da cantiga – o par volteia no centro como a polkar, e a cadeia vae rodando, rodando sempre, em continuo movimento. Finda a cantiga separa-se o par: o homem procura, d'entre as do circulo, outra mulher, e a mulher imita o seu primeiro par, substituindo-o por outro homem. Ficam assim dois pares no meio. Simultaneamente, sem que os dançadores hajam descançado, começaram a moda-estribilho, a cuja musica a cantiga obedecera. Terminada a moda retira-se o primeiro par, que vae encorporar-se na cadeia, e vem para o centro, em seu lugar, um novo par, escolhido a contento do par que ficou, do mesmo modo por este já fôra escolhido pelo que o antedecera.

Depois volta se ao principio: - nova cantiga rhytmada pela moda favorita, pares ao centro em movimento de polka, e a grande cadeia – mãos entre mãos – a rodar, a rodar continuamente.

A substituição do par mais antigo faz-se sempre que a cantiga termina e a moda-estribilho principia.

Do par que se encontra no meio ao findar o baile, diz-se – que ficou saramago.

Succede ás vezes, n'estes bailes, combinarem-se quatro pessôas, duas de cada sexo, para se preferirem mutuamente na procura de pares e sempre, d'ess'arte, estarem no meio.

A isto, que não raro é motivo de grandes discordias, chama-se aqui – fazer monte-pio; e em tal caso, os homens e as mulheres que andam na cadeia a *tirar agoa*, segundo a expressão consagrada, sóem cantar numerosas quadras allusivas ao facto, ora azèdas ora chistosas, como as que seguem:

Minha mãe tem lá'ma renda,  
Uma renda d'entremeio.  
Eu não sirvo aqui d'amparo,  
Tambem quero ir ao meio  
Minha mãe tem lá'ma renda,  
Uma renda d'entremeio.  
'Stou-me rentando no balho  
Se não me levam ao meio  
Minha mãe tem lá'ma renda,  
Uma renda de tresmalho.  
Se não me levam ao meio  
'Stou-me rentando no balho  
Já não quero tiarar agoa,  
Que já tenho o tanque cheio.  
Se meu bem aqui estivesse,  
Já eu andava no meio!  
Deem as mãos uns aos outros,

Que me quero ir embora;  
Quem quizer agoa tirada,  
Compre uma besta p'rá nora.  
Eu não sirvo de parede,  
Tambem quero ir balhar;  
Se me não levam ao meio,  
Salto p'rá rua a chorar.  
Minha mãe tem lá'ma renda,  
Toda feita á franceza.  
Se me não levam ao meio  
Vou-me embora com certeza.  
Quem tem cabras vende leite,  
Quem tem porcos tem presuntos.  
Oh moças! Levem-me ao meio,  
Por alma de seus defunctos!  
O' moças, levem-me ao meio  
Com toda a delicadeza;  
Se me não levam agora,  
Então fallo com aspreza.  
Ind' agora tinha calma,  
Agora já tenhp frio.  
O' meninas lá do meio  
Cautela co'o montepio!  
Ind' agora tinha calma,  
Agora já tenho frio.  
Se me não levam ao meio  
Vão p'rás mães que as pariu.  
Eu tambem quero balhar;  
Já vou estando zangado!  
Se me não levam ao meio  
Já me vou embor' p'ró gado.  
Vou a dar a despedida,  
Nas costas d'uma vidraça.  
Se me não levam ao meio  
Vou a dar coices á praça!  
Minha mãe tem lá'ma renda,  
Uma renda que eu lhe fiz.  
Se me não levam ao meio  
Vou fazer queixa ao juiz.  
Eu tambem quero balhar!  
Oh! Que desgraça é a minha  
Se me não levam ao meio  
Vou fazer queixa á rainha.  
O' moças, levem-me ao meio,  
Em que seja uma vez só!  
Oh! Que desgraça é a minha!  
Nenhuma de mim tem dó!  
Semei no meu quintal  
A semente do repôlho.  
Oh moças, levem-me ao meio,  
Que me está luzindo o olho!  
O' moças, levem-me ao meio,  
Quer' balhar um poucochinho;  
Quando não, vou-me p'ra casa  
A comer pão com toucinho.  
O' moças, levem-me ao meio,  
Já vou estando zangada!  
Se acaso me não levem,  
Parto a canastra ao diabo.

